

HISTÓRIA DIFÍCIL, ENSINO DE HISTÓRIA E REVISIONISMOS

BURDENING HISTORY, TEACHING HISTORY AND REVISIONISMS

Rita de Cássia Gonçalves¹

Resumo

Discute o ensino de História a partir da Educação Histórica, o conceito de História Difícil e o revisionismo que vem avançando no século XXI. Está fundamentado nos aportes teóricos de Bodo von Borries (2011, 2016), Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt (2011, 2015, 2016, 2018) e Jörn Rüsen (2001, 2007, 2015, 2016, 2021). Analisa como o ensino de História vem se desenvolvendo no Brasil, tendo como referencial da Educação Histórica, conceitua a História Difícil e discorre como este conceito pode ser entendido no Ensino de História em face dos avanços do revisionismo na sociedade brasileira, que tem cada vez mais um caráter conservador e com aspectos reacionários. Defende que o ensino de História deve ser historicamente situado na epistemologia da História e que a Educação Histórica se configura como campo teórico-metodológico que permite que o ensino de História possa enfrentar os ataques revisionistas a partir da afirmação da cientificidade da ciência histórica. Sendo assim, o ensino de História deve responder as carências de orientação dos professores e estudantes com o estudo do passado, tendo como ponto de partida o presente ancorado na ciência da História, entendendo como necessária o confronto com fatos da História Difícil.

Palavras-chave: História Difícil; Ensino de História; Educação Histórica; Revisionismo; Professores.

Abstract

Discusses the History teaching from Historical Education, Burdening History and the revisionism that has been advancing in the twenty-first century. Based on the theoretical contributions of Bodo von Borries (2011, 2016), Maria Auxiliadora Moreira dos Santos Schmidt (2011, 2015, 2016, 2018) and Jörn Rüsen (2001, 2007, 2015, 2016, 2021). Analyze how the History Teaching has been developing in Brazil, from Historical Education, conceptualizes Burdening History and discusses how this concept can be understanding in the History Teaching in the face of the advances of revisionism in Brazilian society, which has an increasingly conservative character and with reactionary aspects. Argue that the History Teaching should be historically situated in the epistemology of History and that Historical Education is configured as a theoretical-methodological field that allows the History Teaching to face revisionist attacks from the affirmation of the scientificity of historical Science. Therefore, the History Teaching must respond to the needs of orientation of teachers and students with the study of the past, having as a starting point the present anchored in the science of History, understanding as necessary the confrontation with facts of the Burdening History.

Keywords: Burdening History; History Teaching; Historical Education; Revisionism; Teachers.

¹ Professora e pesquisadora da Universidade Tuiuti do Paraná. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná. <https://orcid.org/0000-0002-0588-6803>; <http://lattes.cnpq.br/8104655070142689>; E-mail: rita.goncalves@utp.br

Apresentação

A História enquanto ciência que se debruça sobre o passado permite que o sujeito inserido na sociedade brasileira se entenda enquanto partícipe de um mundo que é pensado a partir de suas carências de orientação (Rüsen, 2001). Sendo assim, o sujeito retorna seu olhar para o passado tentando dar sentido ao seu presente e orientar as ações futuras. É necessário entender que o processo de ensino, principalmente na disciplina História enquanto disciplina escolar, deve atender as demandas sociais e pedagógicas para a formação do sujeito que está inserido na terceira década do século XXI.

A educação na sociedade brasileira, a partir da década de 1960 até meados da terceira década do século XXI, apresenta desafios para estruturar o estudo do passado recente que dê conta das carências de orientação dos alunos e que construa um conhecimento historicamente embasado que possa dar sentido ao mundo atual e que seja capaz de confrontar todas as ideias revisionistas que se desenvolvem no Brasil a partir dos primeiros anos do século XXI.

Os debates sobre o ensino de História têm se mostrado intensos diante do cenário político e social que está profundamente marcado por disputas de memória, polarizações ideológicas e tentativas sistemáticas de revisionismo histórico.

Elíbio Júnior, afirma que é possível entender o período desde 1960 como sendo de “tempos interessantes”, seguindo a expressão cunhada por Eric Hobsbawm na obra de mesmo nome publicada no Brasil em 2002 pela Companhia das Letras. Um período em que ocorre fenômenos resultantes da globalização do final do século XX e do processo de ocidentalização a que o mundo tem sido submetido. Sendo assim,

As crises econômicas, a migração do trabalho e dos trabalhadores [...] o aumento das desigualdades sociais e regionais, [...] a emergência dos regionalismos, tribalismos e localismos, a xenofobia e a contenção dos imigrantes com leis restritivas, os fundamentalismos religiosos e os radicalismos políticos, sobretudo com a recuperação da popularidade de partidos e candidatos nitidamente fascistas, os movimentos sociais e as mobilizações das massas que derrubam governos, as disputas e guerras étnicas e religiosas, o reerguimento dos nacionalismos [...] tornam intrigantes esses “tempos interessantes. (ELÍBIO Júnior, Antônio Manoel, 2021, p. 14)

A História recente do Brasil, marcada pela existência de crises, ditadura civil militar entre os anos de 1964 e 1985, processo de redemocratização, aprofundamento das crises neoliberais, crises políticas e sociais que culminaram com o impeachment da presidenta eleita Dilma Roussef em 2016, a ascensão de um governo de extrema direita em 2018 e a pandemia de COVID-19 que afetou o mundo inteiro e ainda causa problemas econômicos e sociais generalizados foi determinante para que a sociedade brasileira se desenvolvesse em torno de novas perspectivas e ideologias.

O estudo deste período pode ser inserido na chamada História do Tempo Presente, domínio da História que se desenvolveu a partir do final da década de 1970 é um campo da historiografia que Elíbio Júnior afirma citando o Carlos Fico que

uma das principais peculiaridades da História do Tempo Presente seria a “pressão dos contemporâneos ou a coação pela verdade, isto é, a possibilidade desse conhecimento histórico ser confrontado pelo testemunho dos que viveram os fenômenos que busca narrar e/ou explicar. (ELÍBIO Júnior, Antônio Manoel, 2021, p. 14)

Este texto faz uma análise sobre o ensino de História a partir do conceito apresentado pelo historiador Bodo von Borries (2011) de *Burdening History* e que foi denominado pela doutora Maria Auxiliadora Schmidt (2015, p. 19) e outros pesquisadores da Educação Histórica como *História Difícil*. Busca também tecer considerações sobre como a tendência revisionista do passado, que está muito presente na sociedade brasileira, deve ser combatida na educação escolar, e no ensino de História principalmente. Busca compreender como o ensino de História pode ser desenvolvido para se tornar uma prática humanizadora, formadora de estudantes críticos, partindo da cognição histórica situada na epistemologia da História e que sejam resistentes a banalização do passado.

Desenvolvimento

A História enquanto ciência que se utiliza do passado para fazer suas análises e discussões, traz uma gama de temas e questões que podem levantar polêmicas em razão de uma onda de revisionismos históricos que estão sendo elaborados na sociedade brasileira, principalmente a partir de informações apresentadas na Internet sem o cuidado com a veracidade e confiabilidade.

A História, de acordo com Jörn Rüsen,

é uma relação carregada de sentido entre passado, presente e futuro. Está baseada na experiência do passado, na interpretação que torna o presente compreensível, e abre uma perspectiva para o futuro. A história fornece uma orientação temporal nas e sobre as condições de vida do presente. (RÜSEN, 2021, p. 03)

Com a ascensão de grupos de extrema direita, no mundo e no Brasil, ocorre cada vez mais a reivindicação para que o passado seja reescrito de acordo com os interesses destes mesmos grupos, mesmo que não exista razões fáticas para que isso ocorra.

Neste sentido, o ensino de História entendido a partir da perspectiva da Educação História,

parte do entendimento de que a História é uma ciência particular, que não se limita a considerar a existência de uma só explicação ou narrativa sobre o passado, mas, pelo contrário, possui uma natureza multiperspectivada (SCHMIDT; BARCA, 2009, p. 12).

Questões sobre o papel das Forças Armadas, tortura, desaparecimento e morte de perseguidos políticos na ditadura militar, questões sobre a redemocratização, punição a torturadores do regime, os fatos levantados pela Comissão da Verdade do governo de Dilma Rouseff se tornam cada vez mais um desafio para professores e estudantes de história no Brasil, pela variedade de perspectivas que são apresentadas nas redes sociais e no mundo virtual para explicar o mundo, muitas delas sem nenhum lastro na epistemologia da História e relação com o conhecimento histórico sistematizado.

A Educação Histórica, campo de estudos sobre a cognição histórica situada na epistemologia da História,

apresenta possibilidades de pesquisas no campo do ensino da história nas escolas, das aprendizagens e, ainda, contribui com as inovações das metodologias de aulas. E, assim, propõe-se a observar as especificidades da “história que comporta as três maiores invenções da humanidade: o passado, o presente e o futuro de todas as pessoas e não somente dos heróis ou dos poderosos (SCHMIDT; GARCIA, 2008 apud SILVA, 2011).

De acordo com Rösen, em entrevista a Gago (2016, p. 65), “para ensinar história é necessário alicerçá-la numa conexão entre o presente e o seu futuro e o passado”. A aprendizagem histórica dá as ferramentas necessárias para que as pessoas interpretem o passado e realizem esta conexão entre este, o presente e o futuro.

É imprescindível, então, que o professor de História atue como mediador para que os estudantes possam aprender de maneira significativa, tornando-se competentes em História e capazes de formar sujeitos historicamente situados e que tenham no humanismo uma das bases de seu entendimento de mundo.

Rösen entende o humanismo enquanto “um recurso fundamental e uma referência para a natureza cultural dos humanos na orientação da vida humana, bem como um alinhamento desta com o princípio da dignidade humana” (RÜSEN, 2015, p. 25).

Rösen (2021) propõe que, para elaborar um humanismo que seja novo e com ideias universais, são necessárias

regras interculturalmente válidas para a comunicação intercultural [...]. Essas regras podem ser justificadas pela referência à qualidade básica atribuída a todo ser humano pelo humanismo: a dignidade, como um fim em si mesmo e não apenas um meio para os outros (RÜSEN, 2021, p. 11).²

O ensino de História, que tem como um dos alicerces o conceito de Humanismo, busca em seu desenvolvimento que os jovens entendam o valor do humanismo para a sua vida. Nechi (2017) em sua tese que discute o novo humanismo proposto por Jörn Rösen e afirma que

novo humanismo proposto por Rösen pode trazer contribuições para o ensino de História, pois há a possibilidade de os jovens “sejam humanizados por meio do ensino de História”, de maneira “que o aprendizado histórico favoreça o desenvolvimento da capacidade de fazer sujeitos reconhecerem reciprocamente o valor intrínseco da vida e da dignidade humana a partir do reconhecimento do outro” (NECHI, 2017, p. 44).

Também afirma que os estudantes devem reconhecer o valor da vida e da dignidade humana, mesmo perante as maiores diferenças entre nações, povos e culturas, e mesmo que estejam distantes no tempo e no

² interculturally valid rules for intercultural communication [...]. These rules can be justified by referring to the basic quality ascribed to every human being by humanism: dignity, as being an end in itself and not only a means for the purpose of others (RÜSEN, 2021, p. 11).

espaço. Continua defendendo que a educação tem um papel humanizador, pois as sociedades em que

os sujeitos são apartados da relação com o passado são desumanizadas”, e a disciplina de História na escola é algo de interesses e debates por parte das autoridades por ser carregada de “consequências políticas de sua função humanizadora (NECHI, 2017, p. 17).

Gonçalves (2018, p. 554) desenvolve a ideia de que é comum entre os estudantes pensarem que acontecimentos históricos não tem relação com o seu presente e afirma que, “de acordo com Chaves (2006, p. 13), a História é sempre uma interpretação do presente, pois o nosso interesse no passado é contextualizar e compreender o presente através dos vestígios e relatos do passado”.

É correta a afirmação de que são nas aulas de História que os alunos são confrontados com os acontecimentos passados e que este contato ganha um grau maior de orientação e cientificidade. No ensino de História o professor tem papel preponderante para que o aluno desenvolva um pensamento historicamente orientado e como afirma Santos,

Se o professor tiver clareza dos aspectos que considera significantes sobre o passado, este entendimento pode servir de auxílio para desenvolver metodologicamente um trabalho que considere as ideias prévias do aluno e possibilitem a construção do seu conhecimento histórico. (SANTOS, 2013 p. 49).

Neste sentido podemos afirmar que o ensino e a aprendizagem da História não podem ser colocados em segundo plano, ou ser somente entendidos como um conjunto de conhecimentos a serem didatizados e que devem ser adquiridos durante o processo de educação formal.

Aprender ou compreender a história não é apenas um processo cognitivo, mas também uma questão de emoções, estética e julgamentos morais. Assegurar e conectar certos pedacinhos do passado (alguns os chamam de fatos) pode ser importante, mas não é suficiente. A questão é como dar uma versão geral, válida e agradável da narrativa histórica e como lidar com os efeitos no presente. O ato mental de assimilar, digerir e superar histórias opressivas é decisivo (BORRIES, 2011, p. 168)³

3 Learning or grasping history is not a cognitive process alone, but also a question of emotions, aesthetics

É essencial que os alunos compreendam os efeitos do passado em seu presente e consigam desenvolver um pensamento historicamente competente, mesmo perante as informações incorretas e incompletas que são apresentadas no seu cotidiano. Sobretudo perante a histórias opressivas e difíceis as quais tem acesso. “a História só é aprendida efetivamente sobre três condições: se novos insights podem ser ligados a antigos, se ela está conectada a emoções -negativas ou positivas – e se ela é relevante para vida” (BORRIES, 2011, p. 165)4.

O conceito de *Burdening History* foi inicialmente sistematizado por Bodo von Borries no contexto dos estudos sobre consciência histórica, especialmente no que se refere à forma como jovens lidam com memórias traumáticas, controversas ou dolorosas do passado. (BORRIES, 2011; 2016).

Este conceito tem diversas traduções para o português, como história traumática, hostil pesada, tensa, difícil, tais histórias causam culpa, vergonha e luto no âmbito individual e coletivo, por isso, são mais difíceis de serem ensinadas e aprendidas. Segundo o historiador alemão von Borries (2016), esse termo refere-se a experiências passadas envolvendo danos, culpa, vergonha ou todos combinados” (SCHMIDT, 2017, p. 2)5. Com relação ao sentimento de vergonha, a negação e recusa do crime, bem como o ocultamento de acontecimentos só podem ser compreendidas como uma tentativa de evitar a vergonha e “isto inclui aproximações e distanciamentos, ao mesmo tempo, na relação presente e passado” (SCHMIDT, 2017, p. 16).

A aprendizagem da história difícil “não é apenas um processo cognitivo de aquisição de conteúdo, mas envolve um trabalho de autoconhecimento matizado por emoções, percepções estéticas e julgamentos morais” (SCHMIDT; CAINELLI; MORALLES, 2018, p. 491). Isso se torna importante para discussão em um tempo em que o reversionismo histórico ganha força como estratégia política de manipulação da memória coletiva e negação de crimes históricos

Para Bodo von Borries, o ato mental de “assimilar, digerir e superar histórias opressivas” é decisivo para a constituição de uma consciência histórica madura. Ainda segundo ele, a aprendizagem da história só é

and moral judgments. To secure and connect certain little pieces of the past (some call them facts) may be important, but is not enough. The question is, how to give a general, valid, and agreeable version of the historical narrative and how to handle the effects for the present. The mental act of assimilating, digesting and overcoming burdening histories is decisive (BORRIES, 2011, p. 168).

4 History is only learnt effectively under three given conditions: if new insights can be linked up with old ones, if it is connected to – negative or positive – emotions and if it is relevant in life (BORRIES, 2011, p. 165).

5 According to the German historian von Borries (2016) the term ‘burdening history’ refers to those past experiences involving damage, injuries, guilt/shame, or all together. (SCHMIDT, 2017, p. 2)

efetiva quando há ligação entre novos e antigos conhecimentos, conexão emocional com os temas e relevância para a vida (BORRIES, 2011, p. 165).

Ele também propõe uma tipologia das formas narrativas da História Difícil, dividida em quatro categorias: (1) histórias hostis baseadas em modelos de vingança e rivalidades herdadas, frequentemente alimentadas por narrativas nacionalistas ou étnicas; (2) a história dos vencedores, que apaga os perdedores e legitima o poder; (3) a história oculta e subalterna, marcada pela esperança de rememoração e justiça histórica; e (4) o abandono da história hostil em nome da sobrevivência, quando certos traumas são silenciados por razões práticas ou estratégicas (BORRIES, 2016, p. 32-33).

No Brasil, a pesquisadora Maria Auxiliadora Schmidt é uma das principais responsáveis por introduzir e desenvolver o debate sobre História Difícil no campo da Educação Histórica. Para Schmidt (2017), os temas controversos e dolorosos — como a escravidão, o racismo, a ditadura militar, os genocídios, os processos de exclusão de povos originários, entre outros — devem ocupar lugar central no currículo escolar.

Para Schmidt que a aprendizagem da História Difícil não é apenas a aquisição de conteúdos, mas envolve um processo formativo complexo, atravessado por emoções, percepções estéticas, dilemas morais e conflitos de memória, sendo que tais aprendizagens possibilitam aos estudantes “digerir e interpretar essas histórias de maneira significativa”, construindo uma relação crítica e empática com o passado (SCHMIDT; CAINELLI; MIRALLES, 2018, p. 491).

Schmidt (2009) postula que a Educação Histórica deve possibilitar que os estudantes compreendam a natureza plural do saber histórico, e desenvolvam competências que os tornem capazes de analisar criticamente os discursos sobre o passado. Isso envolve, entre outras coisas, a leitura de diferentes fontes, a problematização das narrativas e o reconhecimento da alteridade histórica.

Para Schmidt, Cainelli e Miralles (2018) é preciso criar condições pedagógicas para que os alunos não apenas conheçam os fatos traumáticos, mas também os interpretem de forma crítica, contextualizada e significativa. A aprendizagem da história difícil “não é apenas um processo cognitivo de aquisição de conteúdo, mas envolve um trabalho de autoconhecimento matizado por emoções, percepções estéticas e julgamentos morais” (SCHMIDT; CAINELLI; MORALLES, 2018, p. 491).

Ao propor uma concepção multiperspectivada do conhecimento histórico, esse campo reconhece que não há uma única narrativa legítima sobre o passado, mas múltiplas interpretações, condicionadas por fatores

culturais, políticos, econômicos e subjetivos. Assim, aprender História é também aprender a lidar com conflitos de interpretação, tensões entre memória e história, e disputas por reconhecimento.

Nesse contexto, o trabalho com narrativas de sofrimento, como o Holocausto, a escravidão, a ditadura militar brasileira ou o genocídio de Ruanda, deve ser pautado por princípios pedagógicos que evitem tanto a espetacularização da violência quanto o silenciamento do trauma. Como pontuam Fonseca e Germinari (2018), muitos desses eventos históricos ainda são tratados de forma superficial ou ausente no currículo, o que contribui para a reprodução de estereótipos, preconceitos e discursos negacionistas.

Acontecimentos específicos tais como guerras, genocídios e catástrofes que atingem grupos e sociedade permanecem influenciando e significando o presente, como fardo carregado pelas novas gerações, sua força de permanência se deve ao seu caráter traumático, no entanto, a relação difícil com o passado está diretamente ligada à natureza da sua interpretação, em outras palavras, os sentidos estabelecidos aos eventos traumáticos dependem da perspectiva empregada, por exemplo, se isso ocorre pela memória individual ou coletiva matizada, em grande medida, pelo senso comum ou se acontece pela via da tradição sedimentada no modo de vida ou pela ainda pela ciência da História, universo dos historiadores, os quais manipulam um determinado vocabulário e métodos de investigação que permitem uma leitura específica do passado. (FONSECA e GERMINARI, 2018, p. 541)

É importante destacar que o ensino da História Difícil pode cumprir também uma função reparadora, ao oferecer visibilidade a grupos historicamente marginalizados e afirmar a dignidade de suas memórias. A “*rememoração histórica*”, como afirma Bodo von Borries (2016), pode assumir um caráter heroico, na medida em que recupera experiências subalternas e desafia narrativas oficiais. Nesse sentido, a escola pode ser compreendida como um espaço de disputa, onde o passado é constantemente reinterpretado à luz das demandas do presente.

O revisionismo histórico, mesmo não sendo novo, adquire outros contornos diante da ascensão de movimentos políticos ultraconservadores, da circulação de desinformações nas redes sociais e do esvaziamento de experiências históricas traumáticas. Nesse cenário, passa a operar como uma estratégia deliberada de manipulação da memória coletiva,

deslegitimação do conhecimento científico e reabilitação de narrativas autoritárias.

Quando se conceitua revisionismo entende-se que é tentativa de reescrever o passado com base em interesses que buscam negar, relativizar ou inverter responsabilidades históricas, sobretudo em relação a crimes contra a humanidade, violações de direitos humanos e debates sobre opressões.

Como afirmam Fonseca e Germinari (2018), o revisionismo histórico está frequentemente associado à construção de narrativas que visam legitimar ações de violência e exclusão no presente, por meio da manipulação do passado. Ao questionar o passado, o revisionismo legitima e tentar perpetuar as relações de violência e agressão e não possibilita a discussão e o debate das ações violentas e traumáticas ocorridas em outros tempos e que no presente causam dor, vergonha e luto e traz grande responsabilidade se

se temos em mente que uma parte significativa dos crimes cometidos pela humanidade no século XX possui por trás concepções históricas e de processos históricos que são enviesadas para gerar justamente o ódio e legitimar o discurso histórico aos crimes cometidos. ((FONSECA e GERMINARI, 2018, p. 537)

Assim, como destaca Bodo von Borries (2016), uma das funções centrais da aprendizagem histórica é possibilitar aos jovens lidar com os fardos do passado de maneira crítica e construtiva, reconhecendo as feridas da história sem se paralisar diante delas. E Schmidt (2017) complementa que não se trata de evitar os temas difíceis, mas de enfrentá-los com rigor científico, sensibilidade e e compromisso ético.

Considerações Finais

O presente artigo procurou discutir o conceito de História Difícil e suas implicações para o ensino de História, articulando essa noção à prática pedagógica nas escolas e às ameaças representadas pelo revisionismo histórico no contexto contemporâneo. A partir dos aportes teóricos de Bodo von Borries, Maria Auxiliadora Schmidt, Marlene Cainelle, Pedro Miralles, Danilo Fonseca e Geysa Germinaria e Jörn Rüsen, argumentou-se que a História Difícil não se refere apenas a conteúdos sensíveis ou dolorosos, mas à necessidade de lidar pedagogicamente com narrativas que confrontam identidades, memórias coletivas e versões idealizadas do passado.

A emergência de discursos reversionistas impõe novos desafios ao ensino da História. Fronza, (2019, p. 22) citando Borries afirma que “Alcançar uma reconciliação entre antigos inimigos (vítimas e algozes) é uma experiência histórica de um movimento em direção uns relação aos outros e na busca por continuar a seguir o mesmo caminho juntos. O caminho de tornar os humanos mais humanos (BORRIES, 2018, p. 40-42).

Mais do que ensinar o passado, o ensino de História deve ajudar os sujeitos a se posicionarem no tempo, compreendendo sua historicidade e assumindo responsabilidades diante dos desafios do presente.

Referências

- BORRIES, Bodo von. Coping with burdening history. In: BJERG, H.; LENZ, C.; THORSTENSEN, E. *Historicizing the Uses of the Past. Scandinavian Perspectives on History Culture, Historical Consciousness and Didactics of History Related to World War II*. Bielefeld: Transcript - Verlag für Kommunikation, Kultur und soziale Praxis, 2011. p. 165-185.
- BORRIES, Bodo von. Lidando com histórias difíceis. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; FRONZA, Marcelo; NECHI, Lucas Pydd (orgs.). *Jovens e consciência histórica*. Curitiba: W&A Editores, 2016. p. 32-54.
- ELÍBIO JÚNIOR, Antônio Manoel. A História do Tempo Presente: reflexões sobre um campo historiográfico. *Cadernos do Tempo Presente*, São Cristóvão, v. 12, n. 1, p. 13-27, jan./jun. 2021. ISSN 2179-2143. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/index.php/tempo/article/view/15714>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- FONSECA, Danilo Ferreira da; GERMINARI, Geysa Dongley. História difícil e etnocentrismo: o ensino de história e o genocídio de Ruanda na web. *Antíteses*, Londrina, v. 11, n. 22, p. 533-552, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5433/1984-3356.2018v11n22p533>. Acesso em: 6 abr. 2025.
- FRONZA, Marcelo. As histórias em quadrinhos e a Ditadura militar brasileira: a triangulação metodológica como critério investigativo das ideias históricas de jovens brasileiros. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 74, p. 69-92, mar./abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/64571>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- GAGO, Marília. Entrevista – Jörn Rüsen: algumas ideias sobre a interseção da meta-história e da didática da história. *História Hoje*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 159-170, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/245>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- GONÇALVES, Rita de Cássia. O passado e a história difícil para o ensino e aprendizagem da história. *Antíteses*, Londrina, v. 11, n. 22, p. 553-572, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/34823>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- MARTINS, Giovana Maria Carvalho. Reflexões sobre o ensino e aprendizagem da História Difícil em tempos de Novo Humanismo. *Politeia - História e Sociedade, Vitória da Conquista*, v. 21, n. 1, p. 86-94, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/politeia/article/view/11065>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- NECHI, L. P. O novo humanismo como princípio de sentido da didática da história: reflexões a partir da consciência histórica de jovens ingleses e brasileiros. 293 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- OAKESHOTT, Michael. *Sobre a história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- RÜSEN, J. *Humanismo e didática da história*. Curitiba: W.A. Editores, 2015.
- RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, Mariana, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

RÜSEN, Jörn. *Cultura faz sentido: orientações entre o ontem e o amanhã*. Petrópolis: Vozes, 2014.

RÜSEN, Jörn. *Humanism: foundations, diversities, developments*. 1. ed. Nova York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2021.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Rita de Cássia Gonçalves Pacheco dos. *A significância do passado para professores de História*. 2013. 262 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/34678>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SCHIMDT, M. A.; BARCA, I. *Aprender história: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene; MIRALLES, Pedro. *As pessoas tentam, mas a história difícil não é facilmente descartada: o lugar dos temas controversos no ensino de história*. *Antíteses*, Londrina, v. 11, n. 22, p. 484–492, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/35763>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. *A educação histórica e o ensino da história difícil*. In: GERMINARI, Geysa Dongley; GILLIES, Ana Maria Rufino. *Ensino de história e debates contemporâneos*. Guarapuava: Unicentro, 2017. p. 13-27.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. *The History of Afro-Brazilian People: a theme of the burdening history of Brazil*. *International Journal of Historical Learning, Teaching and Research*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 1-11, out./inverno 2017. Disponível em: <https://www.history.org.uk/publications/categories/715/resource/9399/the-history-of-afro-brazilian-people>. Acesso em: 10 abr. 2025.

Submetido em janeiro de 2025

Aceito em fevereiro de 2025

Publicado em abril de 2025

